



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade Casa do Gaiato de Porto—Pago do Souse  
Vales do Correio para Cete—Preço 1.000

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvaros R. Santa Catarina, 628—Porto  
Visado pela Comissão de Censura

## UMA VISITA

Era meio dia e quê. Estavam os nossos na *formatura*; na *formatura* de entrada pró refeitório, quando um automovel aparece ao longe. *O' que valente espada, ouviu-se.*

Era o Ministro. O Ministro das Colónias com o Chefe do Gabinete. A sopa fumegava. A hora era de comer  
Eu aventurei-me:

— Senhor Ministro, almoce.

— Pois sim!

Não se contava com tal favor.

Avancei imediatamente à cozinha:

— Carlos, olha que o Senhor ministro almoça. Que tens tu hoje?

Sem esperar resposta, berro ao Elvas a mesma noticia: *olha a mesa! Dali vou aonde o Lisboa: olha vinho do melhor, que está o senhor ministro.*

Fomos para a mesa. Era sopa de feijão branco e o conduto, batatas. Não havia nada de sobremesa. A's vezes, calha haver qualquer mimo que nos oferecem, mas naquela maré, nada. Nadinha.

O Rio Tinto, tinha cosido a fornada de manhã. Havia ao menos farturinha de pão.

O Senhor Ministro quiz sentar-se à nossa mesa! Gosto muito de ver um governo forte ao pé dos fracos.

Quiz conhecer e falar ao Padre Fatela, aos professores Madureira, Arlindo e Almeida. Ao Joaquim, mestre de canto coral. E também quiz conhecer e falar aos grandes desconhecidos!

A mim, já me conhecia de lhe ter pedido, de uma vez, um vagon de milho e brevemente me tornará a conhecer...

## Espirito de Pobreza

PARA irmos já direitinho às coisas, convem ilucidar que por *pobres de espirito* devemos compreender os homens fortes que, não tendo fortuna, também a não desejam; ou que possuindo, não são possuídos dela; ou ainda os que, sendo de facto pobres, não se queixam do seu estado.

Daqui se conclue desde já que pobreza e miséria, não são do mesmo sangue. Nunca o amor à pobreza gerou miséria em ninguém,—nunca. O amor das riquezas, —sim.

Espirito de pobreza quer dizer suficiencia na comunidade. Não pode haver falta das coisas precisas à vida, aonde reinar aquela fortaleza de pensamento e de realização.

Não há muito que estive a um hospital ver um doente a quem ofereci dinheiro para as suas despesas.

—Por enquanto não preciso. Não posso aceitar.

Por este não posso vê-se claramente quanta não é a força interior daquele enfermo, ouvinte fiel do sermão da montanha. E que bem me não fez à minha pobre alma, observar a convicção que as verdades eternas geram nos homens de boa vontade! Não posso aceitar.

Mais. Há um senhor que recebe uma pensão, além de outros rendimentos próprios. Pois eu sei que este senhor faz contas todos os meses, para distribuir *naquele mez* a pensão que recebe. Possui, sim, mas não se deixa amarrar. Outro ouvinte do sermão da montanha.

E que dizer daquela mulher do povo, que duma vez me veio contar a sua imersa alegria, pela colheita d'azeite no seu olival:

—Tive 3 litrinhos dele, livre a maquia! O mundo podia ser assim. O mundo devia ser assim. A mãe terra é fonte perene. O sol faz germinar. A Lei de Deus, promulgada no Sinai e explicada na Cruz, ensina a dar a cada homem o pão de cada dia.

Discursos, — sim. A fala foi dada ao homem. Ele nos banquetes. Ele nas assembleias. Ele nas sociedades de nações. Porém, tanto os que falam como os que escutam, se não estiverem devidamente preparados para a doutrina do sermão da montanha, constroem sobre bancos de areia.

Não basta uma qualquer preparação. É necessário muita reflexão porquanto as Bemaventuranças são em tudo às avessas do que o mundo pensa e faz. Elas canonicam de feliz os infelizes, como diz Santo Agostinho.

Um homem de pipas de azeite, chama necessariamente infeliz àquela mulher dos 3 litrinhos;—e quer mais pipas!

O espirito da pobreza, domina o ser da

## NOTA DA QUINZENA

Sabemos que não é por mal, mas fazem muita mal a esta obra, aqueles ou aquelas que mandam vir ter à nossa casa, de longes terras, rapazes perdidos. Otem era um de Mirandela, com um bilhete aonde dizia *Casa do Gaiato*.

Pagaram-lhe o comboio ate Cete. Como este caso, tantos e tantos! Não está certo. Não são pessoas inteligentes. O problema da creança dos caminhos, não pode ser resolvido com uma *Casa do Gaiato*. Não seria, tão pouco, resolver a questão, mas dulcificaria a vida de todos, se as pessoas que pagam o comboio a estes vadiozitos, procurassem, de preferencia, coloca-los nas aldeias, ou tomassem um à sua conta, como encargo necessário. Onde todos pagam, nada é caro, ensina o povo.

Nós devemos tomar parte na desgraça do nosso semelhante. Cada um o seu quinhão, proporcionado às suas forças. E' um erro grave apoiar-se a quem no dôce não te reles: — *quem vier atrás que feche a porta!* Se todos assim fizessem, oh ruina das famílias! Aonde as heranças?

Se houver alguém com pena de mim, que esse não mande rapazes. Nós temos cá os nossos problemas. Não é o dinheiro que falta; felizmente não temos orçamentos.

As nossas dificuldades são mas é de natureza espiritual. Lidamos com almas. Não é questão de amontoar e dar um numero. Isso é muito facil. O mais difficil é *elevantar* o rapaz. *Hic labor est.*

Deem-nos tempo. Nós estamos levantando mais casas na aldeia. As oficinas estão a trabalhar. A cidade do Porto aprecia e espera por rapazes da nossa marca. Que é que se espera, então? Menos zelo e mais compreensão. Não se pode remediar num instante os males que veem de longe. Para males espirituais, quais são os da vadiagem infantil, só remedios espirituais. Ora em questão de praxes, vamos a vêr, meus senhores e minhas senhoras. Havia de ser às avessas, mesmo porque são elas as mais zelosas, mas este jornal descamba sempre um bocadinho.

# Crónica Desportiva

O melhor poder de desmarcação e habilidade dos nossos rapazes, ditaram o triunfo merecido.

Sob a arbitragem do Sr. Abel da Costa, auxiliado pelos juizes de linha Snrs. António Chaves e José Loureiro os Grupos alinharam:

**Futebol Clube dos Gaiatos**—Carlos Pepe e Sérgio (capitão); Gari Amadeu e Prata; Oscar, Elvas, Tónio, Vitela e Lisboa. Massagista Manuel da Costa.

**Ala do Porto da Mocidade Portuguesa** — Joaquim Segefredo e Alexandre; Amélio, Alberto e Salgado; Ferreira, Diamantino, Cabrita, Sousa e Serafim.

Numeroso publico acorreu no dia 2 ao Campo da Constituição. Os grupos encontram-se em campo e alinham em frente do camarote das autoridades civis e da federação e fazem a saudação olimpica. Agora trocam-se galhardetes a meio do terreno. O arbitro vai dar por começado o encontro, são precisamente 17,16. Começou com a saída dos nossos que numa avançada bem deliniada enlearam a defesa contraria, merecendo assim ovação do publico. Os da Mocidade começam com certa energia e obrigam o nosso guardião a uma defesa apertada aos 5 minutos. Neste momento Lisboa é aplaudido por uma avançada por ele conduzida. Há dez minutos de jogo e é neste momento que surge o 1.º ponto adversário, marcado por Alexandre. Os gaiatos não desanimam, teem alma até Almeida. E passados 2 minutos Oscar abre o marcador do grupo, com um pontapé aparatoso e que o guarda redes adversário não segurou. O publico anima os nossos e é de novo que o sector dianteiro da direita leva uma avançada com bons passes entre Oscar e Elvas e que os jubilosos desportistas portuenses não cessam de aplaudir. Agora houve um virango no jogo. Um dianteiro contrário leva o esférico, este rematou passando a razar a trave. Agora pertence o dominio aos nossos rapazes. Uma bola vinda da ala esquerda, Tónio aproveitou rematando ao canto esquerdo, fazendo assim o 2.º gólo da nossa equipa. Cada vez mais os gaiatos vão reagindo, distinguindo-se ainda os dianteiros do sector esquerdo, que fizeram passes primorosos nesta altura, e foi daí que resultou o 3.º e ultimo tento da nossa equipa. Lisboa recebeu o esférico de Vitela, rematou indo a bola para dentro da baliza adversária, aos 26 minutos.

Passados 4 minutos o arbitro deu por terminada a 1.ª parte com os Gaiatos a vencerem por 3-1. Durante os trinta minutos da 1.ª parte estiveram bons todos os avançados em geral, os médios fraquejaram nos primeiros minutos mas com o andamento do encontro aperfeiçoaram-se. Os defesas sustentaram o resultado como puderam. E de resto todos se portaram nos seus devidos lugares. Ambos os grupos estão em campo para se começar a segunda parte. Neste momento o arbitro deu por começada a segunda tirada. Aos 3 minutos ponta direita adversário corre pela extrema passa ao interior este centro e endossa a Barbedo que remata fazendo o segundo goal da Mocidade. O jogo corre parte a parte, com ligeira vantagem dos da Mocidade que a nossa defesa e médios conseguem desfazer. São 10 minutos que estão decorridos e o arbitro manda marcar um castigo por deslocação dum dianteiro adversário. Sérgio marcou indo a bola parar junto à linha de médios da Mocidade. Neste momento Vitela é delirantemente aplaudido por uma jogada pessoal. De novo aos 15 minutos novo castigo que Sérgio apontou e que o guarda redes defendeu para canto. E decorridos 5 minutos a um forte remate do interior direito do grupo adversário Carlos responde com uma excelente defesa. Depois aos 25 minutos e 26 é de novo Carlos que é chamado a intervir para salvar as circunstancias. Depois os ultimos minutos estiveram indecisos pelo engodo pela baliza dos nossos adversários. E aos 30 minutos o Sr. Abel da Costa deu por terminado o encontro com a vitória do nosso grupo.

Todos os nossos rapazes jogaram bem na avançada Oscar em primeiro plano os restantes no mesmo nivel, na linha de médios Prata e Amadeu. E na defesa Sergio foi o esteio, sentindo um pouco de destreino.

Visado pela Comissão de Censura

## COLÓNIAS DE CAMPO

Não podemos deixar que a fogueira se apague. Não se risca este assunto da agenda, enquanto as colónias não estiverem feitas.

O nosso pessoal maior, vem por devoção. Teem de ser rapazes, pela índole da obra. Para o primeiro turno, de 8 a 24 de Julbo, estão escalados o Zé Saraiva do Seminário de Coimbra, o Nuno de Riachos do Seminário dos Olivais e um caloiro de Engenharia da Universidade de Coimbra, cujo nome ainda não tenho.

Estes e outros que venham nos seguintes grupos, teem a missão de servir e orientar a tropa das ilhas. Paço de Sousa, presta-se a estes serviços sociais. Tem o rio, indispensável para matar as horas dos recreios. O garoto gosta de chapinar. Tem os pinhais, o sol, o espaço: *ai tanta coisa que a gente vê!* Ouvi eu muitas vezes dos colonos de Coimbra os quais, como estes do Porto, estão afeitos ao negrume e nada mais.

Dentro de casa, também os esperam coisas novas; lençois lavados, camas erguidas, mesa posta, merendas de leite.

Os Párcos de Miragaia, de S. Nicolau e da Sé, estão escolhendo os mais *habilitados* e da mesma sorte, fazem os nossos rapazes do Lar do Porto, entre os pobres que por lá visitam. Claro está que nestas linhas concretas, não aparecem as dificuldades que necessariamente hão-de surgir; a ainda bem que surgem. Se assim não fosse, tudo desatava a fazer colónias de férias para os garotos das ilhas, até chegarmos a pontos de haver mais colónias do que colonos.

Não temos estado à espera de ninguém quanto a fundos,—o papão!

A nossa divisa é trabalhar no bem da Humanidade por ordem de Quem abriu caminho. Há uma síntese de S. Lucas que diz tudo de Jesus: *per transit benefaciendo*. Aqui está tudo. Daqui vem tudo.

Não esperamos. De Avanca, estamos já servidos com uma grande factura. A Alumina, está trabalhando por nossa conta. Roupas de cama, estão pedidas. Fornecedores de carne e legumes, estão falados. A Intendência, preguntada, disse que sim. No ano da graça de 1932 a tantos de Julho, comprei nas lojas de Coimbra o equipamento em cheio da minha primeira aventura. Eram 27 catraios das ruas mais eu. Não tinha dè-reis. Comemos todo o Agosto e trouxemos sobras! São volvidos 14 anos. Não quero outra riqueza nem outra opinião.

Olha o *Depósito*, à rua dos Clérigos 53! Depois das obras que ali fizeram, ficou com a porta de entrada muito mais larga e lá dentro, não se fala! Para então, devemos ter já a *Canadiana* pronta a ir buscar os frutos da tua generosidade. Assim seja.

## Do que nós necessitamos

Mais dez contos de rei de um voto. Mais roupas usadas de Lisboa. Não há dinheiro no mundo que pague estes pacotes! Mais ditos de Rio Tinto. Mais 50\$. Mais outro tanto. Mais da Fábrica Manú 22 pares de meias e 22 camisas e da Confiança 11 calções e outros tantos da Camisolândia, o magestoso aparato dos nossos jogadores da bola.

Mais 60\$ do Grupo *Garcez Palha*. Mais duas colchas e 50\$ e mais uma pancadaria de coisas e de envelopes, no *Depósito*. Mais dinheiro de visitantes. Os que nos visitam, não preguntam em que é que o dinheiro se gasta; *veem*. E' o melhor testemunho. O *Batata*, entregou 2\$50 que lhe deram. O *Batata* tem 5 anos! A Firma que nos ofereceu a máquina de costura para alfaiate, não precisa de lavar as mãos; Máquina e tudo quanto lhe diz respeito. Coisa oportuna, completa. Assim, sim.

O *Periquito* foi ao Porto a uma casa da especialidade, buscar coisas para a oficina de barbeiro. A carta de chamada, reza assim: *Não temos cadeiras nem espelhos, mas o restante que fôr preciso, manda buscar*.

Mais, de Coimbra, alguns litros de azeite para a nossa lâmpada. Mais do Porto,—*este azeite é destinado ao Santíssimo Sacramento da Capela de Paço de Sousa*.

Mais duas de quinhentos entregues por Albano Campos, de um comerciante de Guimarães, muito amigo de dar. Ai da humanidade, se não houvesse aqui e ali homens ricos, amigos de repartir!

Mais mil escudos de um visitante. Passa de cem centos, o que este visitante, por diversas ocasiões, tem oferecido. E não fica por aqui! Ou não fosse ele um Tripeiro!

## De como foi a minha jornada a Tomar

Foi no de prata. A' tabela, estava em Chão-de-Maçãs. Nota-se actualmente muita pontualidade nas linhas de ferro. Será medo das aerias? Da estação à cidade, foi um rufo. Ali, estava tudo preparado para a *conferencia do Padre Américo*, como os cartazes diziam.

A gerencia do cinema local, disse cordealmente que sim. Não houve convites. Não houve lugares reservados. Não houve a classica mesa da presidencia. Estava o povo de Tomar. Viva a democracia.

Eu subi e disse. Disse como vinha no cartaz:

*Da vida, da miséria e do valor da criação abandonada.*

Para facilitar, não faltou o micro. Estavam duas grandes bandejas sobre duas pequeninas mesas, no sitio de onde eu falava. Expliquei, no final, ao respeitavel publico, a razão da presença delas. Todos compreenderam. O Vice-Presidente da Camara, na ausencia do Presidente, foi o primeiro a explicar-se. Fora resolvido em sessão dar mil escudos do erario, e ali estava a nota. Nunca tive surpresa tão consoladora! Agora é a vez do povo.

Categorias, estados, profissões, tudo comunga! Tantas portas francas! Podiam sair por qualquer delas, mas não. Ouviu-se um pobre dizer: *tome tudo quanto tenho*. Ouviu-se um catraio da rua exclamar: *quem me dera um tostão pra lá pôr*.

As bandejas abarrotavam de moedas pequenas. Seis contos, oiro, roupas. Milagres da verdadeira caridade! Só ela os faz.

Os officiais de artilharia 15, tinham a melhor oferta para a Casa do Gaiato: um pequenino de 10' anos, há tempos encontrado nas valetas e agora *mascote* do regimento. Logo que ouviram o sim, aqueles homens de armas compraram roupas brancas, mala, calçado. Ficaram com medidas para enviar mais. Quizeram acompanhar o *mascote* à estação de Chão-de-Maçãs. Eu vi com os meus olhos, ali trez officiais de patente superior, apertarem a mão do pequenino e despedirem-se de olhos rasos! Homens de armas nos campos de batalha: de coração, ao pé do infortunio!

O rapazito chegou à aldeia pelas 16 daquele dia. A malta exultou de vêr mais um. *Olha o soldado!* Ele abre a mala. Mostra. Reparte por todos os presentes o merendeiro que não foi capaz de consumir, oferta da *senhora das bolas*, como ele informou.

—Bem, António. Agora vou entregar-te ao Rio Tinto. Vais começar a trabalhar.

—O que é trabalhar?! Nesta interrogação estão os nossos trabalhos. Primeiro que o pequenino se afeiçoe, oh paciencia!

Foi visto a chorar, no dia seguinte:

—Que tens, António?

—Saudades do mê capitão!

## NOTICIA

A bilheteira do famoso encontro de futebol na Constituição, que tanto deu que falar vai agora dar muito mais, ao saber-se que entraram em cofre doze contos em moeda forte. Pode dizer-se, talvez, que não foi muito mas foi tudo e aqui é que está. Nem despesas, nem descontos, nem contas. Tanto na caixa quanto no sacco.

A todos quantos trabalharam na realização do encontro. A todos quantos lá foram deixar o seu rico dinheirinho. A' cooperação dos simpáticos e valentes adversários. Ao saber do Padre Fatela e do professor Arlindo; e a mim, que sou pião de nicas. A todos um fervoroso *muito obrigado*.

# UMA CARTA

Eu tenho que a melhor leitura do jornal, são estas cartas: setas despedidas de corações que vão ferir corações.

*Foi muito triste para mim a leitura do último número do «Gaiato». Não preciso de lhe dizer o motivo desta tristeza, pois já o deve ter adivinhado. Como são difíceis de arrancar os maus hábitos, sobretudo quando têm a sua origem em taras. Felizes porisso esses pequeninos que crescem aí desde tenra idade preservados da influência dos meios perversos!... Imagino a máguia imensa que deve ter causado no seu coração a revelação desta traição do já tão conceituado José Maria. Se fosse possível o desânimo numa obra dessas, parece que havia agora razão para isso. Deus, porém, não permitirá que tal aconteça. Também Jesus levou a cabo a sua obra da Redenção, apesar de ter a visão da inutilidade dela para muitos. O Snr. P.<sup>o</sup> Américo também será o Redentor desses deserdados apesar de alguns não se aproveitarem da redenção que lhes oferece. Venho por meio desta carta unir-me ao seu desgosto para lhe ajudar a sofrer e peço a Deus arranque definitivamente aquele infeliz ao vício do roubo, para que possam ser aproveitadas as suas qualidades naturais que já o iam tornando prestável.*

Sim, meu amigo. Muito bom é o discípulo que se parecer com o mestre. Se a Obra de Redenção, operada pelo Mestre, não aproveita a todos, como há-de esta pretender fazê-lo?! Outros Zé marias há-de vir. Muito me tenho espantado de que eles não tenham sido mais nem há mais tempo. Este é o primeiro caso sério, desde que a Obra nasceu.

Mas nem tudo se perde, meu caro amigo. Este acontecimento tem dado matéria para muitos avisos no nosso tribunal. Temos chamado mais perto de nós, em particular, os da Comunidade que se nos afiguram, futuros Zé marias. A estes, rogamos com lágrimas, que vejam. Que meditem. Que aprendam.

Mais. Temos enviado ao local onde o rapaz se encontra, mensageiros nossos a indagar das suas necessidades e a provêr. É uma lição do perdão das injúrias, sem ofensa à justiça. Os rapazes aprendem assim a fazer bem aos que nos fazem mal. Só a doutrina do Evangelho tem força para tirar de um mal um bem! E finalmente, meu amigo, tenho vergonha de lhe dizer que o Zé Maria está na prisão da comarca! Fiz tudo quanto me foi possível para o livrar. Antes queria um Reformatório. Mas o código diz que não. Os códigos andam errados.

## Espirito de Pobreza

Continuação da primeira página

**Obra da Rua.** Quem vier às nossas casas, vê esse espirito pairar, orientar, vivificar a nossa obra. Eis porque ela remedeia tanta gente.

Como? Repartindo.

A verdadeira argamassa das obras sociais, está no espirito de pobreza. Poupar, poupar, poupar. As pedras de elevação, são feitas de confiança nesse mesmo espirito. A cupula, é a visão.

Que pena não tenho eu de observar a ansia de dinheiro; a caça que se faz ao dinheiro para obras como a da Rua, quando é na verdade a ultima coisa a considerar!

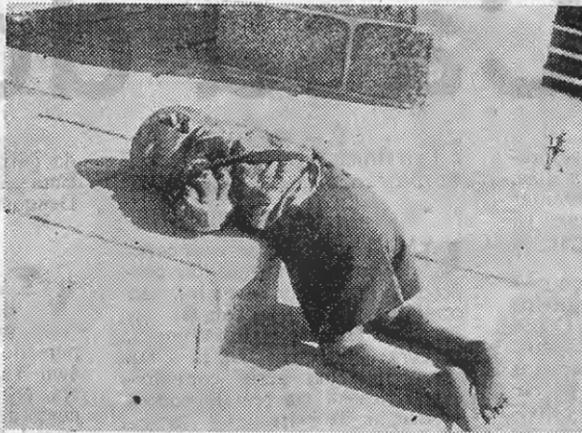
Apareceu aqui um desconhecido, com o corpo macerado dos maus tratos da madrasta; o nome lhe basta! Deu baixa à enfermidade. Quere comer. Pede de comer. Não. Dá-se-lhe aos pouquinhos, de esfaimado que vem. Enquanto espera por quem o ha-de lavar e vestir, senta-se nos degraus da nossa capela, triste, mortificado.

Terá 9. Terá 10 anos? O que éle tem são dias amargos. Como éste muito mais casos poderíamos aduzir. Ora eis a nossa verdadeira riqueza. E' com ela e só com ela, que nós levantamos o mundo.

—Vá a fulano. Escreva a sicrano. Procure beltrano.

Não vou. Não se me dá deles. Eu só quero o que o mundo angeita!

Oh! dinheiro, que és maldição!



O estomago muito composto e o sol muito quente, levam os pequeninos a dormir em qualquer sitio e posição. Este adormeceu no alpendre da capela.

## MAIS CARTAS

Um dos Directores da Socony-Vacuum Oil do Porto, escreve assim:

*Tenho muito prazer em comunicar que o Gaiato que fez o favor de nos ceder, tem demonstrado qualidades que me habilitam a augurar-lhe bom futuro.*

Outra carta:

*A quando da inauguração da Capela, em Praça de Sousa, na Casa do Gaiato, eu, minha esposa e minha cunhada, aproveitamos a oportunidade para visitar essa Obra, da qual já eramos fervorosos admiradores, através do jornal que sempre aguardamos com interesse e cuja leitura sempre nos enternece.*

*Ao visitar uma das casas dos gaiatos dirigimo-nos a um que nela se encontrava, que se prontificou logo a dar-nos todos os informes, e ao mesmo tempo todas as facilidades para podermos merendar, pois o tempo estava agreste, mas ele tudo nos conseguiu, muito amavelmente.*

*Quando lhe queríamos dar parte da nossa merenda, recusou, mas, perante a nossa insistência, aceitou, mas para levar para a Casa-Mãe, o que logo fez.*

*Em face da sua atenção, e, gratos por vermos um rapaz desempenado, dissemos-lhe que lhe mandaríamos uma lembrança e um distintivo do F. C. do Porto, de quem ele disse gostar, apesar do meu Clube ser outro, mas isso são gostos...*

*Esse gaiato é o Rio Tinto, que só conhecíamos através do seu encuntador jornalsinho, pequeno em tamanho mas grande, muito grande mesmo, no Bem que encerra e nos traz.*

*Não se trata de elogio estas minhas palavras, mas da sinceridade pelo amor verificado em V. em prol dos seus pequeninos de hoje, mas homens de amanhã, que só poderão agradecer o terem sido retirados do Mal para o Bem.*

*Impressionou-nos grandemente a Capelinha.*

*A singelesa do seu altar lembra-nos o verdadeiro cristianismo dos primeiros católicos.*

*Quatro colunas de pedra a sustentar a mesa, dá bem a ideia da grandesa da humildade de Jesus! Que bela a sua Capelinha!*

*Conforta bem aqueles que amam a singelesa e as nossas almas só assim sentem a grandiosidade do Senhor!*

Gosto muito de dizer as coisas tal-qual se passam por casa. Como temos cá de tudo, matiza-se.

Tem-se ouvido dizer que «O Gaiato» é um repertório de lérias: Não é nada como ele diz. O éle sou eu. Eu, porém, digo que é absolutamente impossível fazer obra séria com fantasias. A mentira nunca foi material de construção,—jamais. Pois que força leva estes visitantes, que eu nem sequer conheço, a escrever cartas como esta?! E quantas não são as que ficam por dizer aqui?!

O' mundusinho superficial; mede a terceira dimensão dos corpos e não sejas insensato!

E' justamente em virtude da sua profundidade que estes visitantes me não falam aqui directamente da Obra, com medo de vertigens. Mas fazem-no de suas casas. Ai! se eu mentisse a mim ou aos outros, tambem seria do mundusinho! Tambem havia de querer botar abaixo, por incapacidade de construir.

# CRÓNICA DO PORTO

## Noticias da Conferencia

A pobrezinha do Licínio tem andado um pouco melhor. Na ultima visita o Licínio descreveu-nos o seguinte caso: quando se despedia da sua pobre ela pegou-lhe na mão e ia beijá-la, mas o Licínio não consentiu, dizendo-lhe que deveria agradecer a Deus não a éle.

Ao contrário, a pobre do Avelino não continua satisfazendo pelo seu comportamento. Habitou-se a mendigar, ela e os filhos, e agora teem medo ao trabalho e a limpeza.

A pobrezinha do nosso Secretário está doente da vista.

Estamos encarregados de tirar informações do grau de necessidade dos rapazes das ilhas que queiram ir para as Colónias de Campo. Cá estamos a trabalhar.

## Notas diversas

Há dias o «Poupa», (que já há tempo descobriu que no merceiro a caixa registadora... fazia tostões)—saíu-se com o seguinte: Estavamos muito tristes pois que estava o tempo muito mau e na vespera do grande desafio de futebol. Alguém em casa disse que já se tinha escrito ao S. Pedro pedindolhe que viesse bom tempo. Como no outro dia estava bom tempo, o Poupa foi perguntar ao Snr. P.<sup>o</sup> Fatela: Onde se deitam as cartas para o S. Pedro.

□

Foi muito festejada a festa da Vitória... de futebol. A' noite ao jantar houve vinho fino. Fêz-se depois um brinde pela vitória e o «Lisboa» que é deste Lar do Porto foi muito obsequiado pelos rapazes da Casa. Por causa deste jôgo tivemos junto de nós o Sérgio, de Miranda. Todos nós gostamos de o ver por cá. Dá bons conselhos e bons exemplos a todos.

□

Durante esta quinzena recebemos:

Da Fábrica de Moagem e Panificação do Norte recebemos um saco de alimpas; dum amigo da Obra uma garrafa de vinho fino; um quarto de litro de azeite; e um casal de bácoros oferecidos pelo Snr. La Llave. Eles são muito vivos e comem muito bem. A gente está a ver que eles depressa ficam grandes como casas.

«PÃO DOS POBRES», é um excelente livro, que o Padre Américo escreveu e que se encontra à venda em todas as livrarias de Portugal. Faça hoje mesmo a sua compra.

# Isto é a Casa do Gaiato

As notícias da aldeia ribombam aqui no meu lugar de trabalho e de trabalhos. Agora mesmo veio uma. Foi o Amandio que a trouxe. O Amandio é gago. A emoção que traz aumenta a gaguez.

—J. J. Já nasceram 3 p. por, porquinhos! Eu escuto, continuo a alinhavar, e daí a nada volta o mesmo.

—Agora são oito!  
O Veiga foi convidado e aceitou a missão de prestar os primeiros cuidados, durante os primeiros dias, à mãe e ós filhos.

CHEGO de fora, de uma viagem de alguns dias. O P.<sup>e</sup> Fatela quiz ir por mim a Cête, e meteu no carro, no nosso carro, como os rapazes lhe chamam, o Constantino, o Carlos mai-lo Zé Eduardo. O percurso não chegou pras notícias, conquanto os três falassem ao mesmo tempo!

Uma vez em casa, então é que foi! Temos mais abelhas. Quando saí, tínhamos 3 cortiços delas, negociados a uma gentinha destes sitios, que pediram tanto por cada enxame, tanto por cada cortiço, tanto pelo transporte. Eu tenho fama nestas redondezas de ser um patrão muito rico; *ele tem tudo*, e daí, vá de cardar! Mas há também, felizmente, quem compreenda a minha riqueza. Um nosso amigo da amiga vila de Paredes, fez que nos oferecessem alguns enxames, e esses vieram na minha ausência. Era deles que o Lisboa falava: *temos muitas abelhas*. António Machado da Sobreira, Joaquim Dias de Recarei, José de Oliveira de Cascóinha, Manuel Rêgo de Aguiar de Sousa e Joaquim Quelhas da mesma terra. Todos estes homens de bem, com suas ofertas, dão testemunho da verdadeira riqueza desta e de outras obras semelhantes. Quer sejam os cem contos de um ministro da nação, quer o enxame de abelhas de um desconhecido de Recarei, tudo vem do Alto! Estas contas, sempre certas, confundem as contas que o mundo faz!

ENTREI na enfermaria, no regresso da minha ausencia. A saída, deixara na cama o Zé Sá, mai-lo Tirolito; agora, estavam estes, mais o Ernesto, o Caveira e o Santa. O primeiro que me viu foi o Zé Sá, o qual imediatamente se descobre e botase abaixo da cama. O mesmo fazem os outros doentes!

Duas alegrias: a primeira e a maior, ver que as doenças não eram de morte. A segunda, que estavam todos à minha espera.

O Amandio, estende o pulso e mostra. *Um relógio! E que relógio!*

—Foi uns senhores. Foi ontem, domingo. Vieram cá trazer.

E continua na sua adorável narrativa, este moço loiro, prometedor, o qual conhece por triste experiência, o reueto, as soleiras das portas e as paredes dos aljubes!

—Mas como é que tu conheces o senhor? Ele é teu pai?

—Não senhor. O meu pai não faz caso de mim. E' um senhor que me compra o jornal. Ele é muito meu amigo e a esposa é muito amiga do Zé da Lenha.

Ora eu gosto muito, na verdade, de ver os nossos rapazes de relógio no pulso. O pior é aturar os que o não teem, especialmente quando lhes parece estarem em idade e condições de os possuir! E são tantos os desta categoria!

ONTEM à noite, em tribunal, foram lidas as duas cartas que hoje aparecem a dizer bem de dois dos nossos. Chama-se *tribunal*, a hora dos avisos solenes, a seguir à ceia e antes de deitar, mas nem sempre há matéria grave. Os rapazes adoraram aqueles momentos e esperam, deleitados. Não é raro ouvir-se durante o dia: *sr. P.e Americo, diga logo*. E contam ali o que se deu, para que todos saibam. Aqui não há *caixinhas*.

Pois leram-se as cartas, que falam do Rio Tinto e do Avelino,

o *gaiato* da Vacuum. Fêz-se propositadamente o elogio dos dois, para termos ocasião de levantar um segundo Zé Maria que cá temos e convidá-lo a seguir os passos dos bons irmãos.

—Se eles podem, porque não tu, disse eu. A comunidade inteira escuta o mais que se disse. O que é dito a um, interessa a todos. No final, pedi ao Zé Maria numero dois que fôsse pelo seu pé ter com um professor; que o convidasse a entrar na sua casa; que lhe oferecesse uma cadeira e uma vez ali, confessasse tudo, tudo, como foi de uma grande embrulhada que por cá anda, da qual todos sabem, mas é preciso que ele o diga por si mesmo. Ele, o culpado. Pode muito bem acontecer que este rapaz e outros como ele, não tomem estes remédios. O que faz bem a uns, pode não curar outros. Pode acontecer, sim. Eles trazem o pêso de gerações. Trazem a força do ambiente.

Mas espera-se que este Zé Maria II, nosso há dois anos, aproveite melhor as lições do que o Zé Maria de Cinfaes!

Luciano teve de ser afastado da Casa do Porto por motivos que não são da conta dos leitores. Está sob a nossa bandeira, noutras terras. Já vai pra três meses, e tanto o que partiu como os que ficaram, continuam inconsoláveis. Se vou ao Porto, os gemidos cercam-me: *traga o Luciano!* Se vou a Coimbra: *leve-me pro Porto!*

Há dias, veio uma carta para

o Ferreirinha: *chateia fulano, até ele ficar mau!* O fulano sou eu.

UMA coisa que não está certa é isto dos nossos que cortam a meia cabeleira, não confiarem os seus cabelos do Periquito. Ora ele, o Periquito, na loja aonde trabalha, já o faz ao povo, com geral contentamento; assim me tem dito o seu mestre, sr. Teixeira.

Pois muito bem. Dentro de breve tempo vamos ter oficina de barbeiro montada na aldeia, Periquito à frente. Estou pra ver!

POR conveniências de serviço, o Bucha deixou o lugar que ocupava e foi tomar a vigiância da palha na eira.

Temos ali grandes quantidades de feno a secar. Que rico, para os miúdos saltarem! Pois não. O Bucha está de atalaia e ai de quem passar o risco! O Sapo da Murtoza, tomou o lugar do Bucha; é ele que esfrega as escadas. As bulhas continuam.

Alfredo tinha uma cabeleira tão linda! Era mesmo um amor de cabelo. Pois o Periquito recebeu instruções de o rapar e assim aconteceu. Quando ele fôr ao Porto que diga lá porque é que foi. Ele é do Porto.

Agora por cabelo e cabeleiras; o Zé Eduardo anda de novo com a risca em esboço. E' risca ao lado. Já se perdeu a conta do numero de vezes que Zé Eduar-

do deixa o cabelo e rapa cabelo! Está ali pra mais um desgosto. Desgosto dele e meu.

VENHA ver que branquinhas! E lá vou eu de escantilhão pelas escadas abaixo, empurrado por uma grande malta, sem sequer saber para onde! Na cozinha estava um grande cesto de vime. *Olhe que branquinhas!* Eram meadas do estendal. Vinte e cinco meadas. Vamos mandar tecer toalhas e guardanapos, para fugir ao desaire de pedir emprestado aos vizinhos, como já tem acontecido. Não há nada como ter de casa.

Lisboa anda muito interessado a ver se vinga dois dos 10 porquitos de uma ninhada, os quais dois não tiveram lugar à mesa, por falta de tetas. Os 8 estão de saúde. Deliberou o pequeno por si mesmo ir buscá-los. Arranjou um caixote com palha, aonde os instalou e agora é vê-lo a cada momento com garrafas de leite. O Filipe do Seixal ajuda, muito contente.

Eles também assim eram; não tinham lugar à mesa!

HOUVE aqui tremendo barulho por causa do ultimo relato. O Oscar mais o Gari, dois dos relatados, quizeram ir ós queixos do relator, por infidelidade. Acho bem. Que

tenha mais amor à verdade o menino Amadeu!

Zé da Lenha, o enfermeiro que lambia as dietas dos doentes, veio aqui agora mesmo por revistas e coisas assim.

—E' prós meus doentes ler. Trazia debaixo do braço uma rima de literatura, coisas que eles já tinham lido. Não se sabe até aonde chega o arrependimento do Zé da Lenha nem se ele terá forças de resistir à vista de um prato de creme. Nós, os fortes, somos tão fracos! Que cada um se examine e veja se realmente assim não é! Mas não há dúvida que este zêlo do pequeno é um passo à frente.

CUSTA-ME muito dizer, mas a verdade é que os nossos chefes de mesa têm abusado e continuam a abusar dos seus postos de responsabilidade, na questão de servir os seus subditos e a si mesmos. E' por si que eles começam, em regra, e aqui já está o primeiro erro; deviam ser os ultimos. Tiram para si o maior quinhão; o Periquito foi hoje apanhado com um tremendo naco de presunto escondido debaixo dos feijões, e este é outro erro. Servem melhor os seus *compadres*, — mais erros. A gente bem diz como é: *olha que os chefes servem todos por igual e são os derradeiros a servirem-se!* Mas que; são palavras muito duras. Aquele hora e naquele lugar, o instinto toma a palavra e alto lá com ele!

## Assinaturas pagas

Dr. Armando Madeira, Pinhel, 30\$; António Leite Correia de Faria, Barrosas, 40\$; Manuel João Mendonça, 20\$; Ana Maria Proença, 15\$; Padre João Sena Neto, 20\$; Dr. Medeiros Galvão, 2. \$; Maria José Cerca Gonçalves, 20\$; Manuel Nunes Gomes, 20\$ Todos de S. Br. z de Alportelo.

Dr. Alonso Vasques, Vila R. de Santo António, 50\$; José Maria Simões, Lousã, 25\$; Rosa de Jesus Cascais, Murtoza, 100\$

Eng. Luis Barreiros, 140\$; Hernani José Aires, 30\$; Camilla Alves, 50\$; Dulcina Adalgisa Alves Marques, 30\$; José de Carvalho Matos, 20\$; António Castanheira Martins, 40\$; Augusto Rocha, 30\$; Alice Valença Baptista, 20\$; António Rodrigues, 20\$; António Joaquim Correia dos Santos, 100\$; Agostinho Pinto Soares de Miranda, 100\$; Eduardo Ribeiro, 20\$; Eduardo Macedo, 25\$; Guilhermina Augusta Rodrigues Alves Martins, 20\$; Hermínio da Silva, 50\$; Dr. Júlio Gouveia Mendes de Vasconcelos, 50\$; Manuel Alberto Magalhães, 50\$; Nelma Esteves Ferraz, 20\$; Manuel António Areal, 50\$; João Ferreira Areal, 50\$; David Ferreira Andrade, 30\$; José Adolfo Pereira da Costa Sardinha, 40\$; Manuel Alves de Azevedo, 40\$; Eng.º Manuel da Costa Pinto Barreto, 20\$; Primo Monteiro Madeira, 100\$; Marília Leite Correia, 25\$; Maria José Garcia de Carvalho (2 anos), 50\$; Francisco Venceslau Ferreira, 40\$; Jsaquim Carvalho, 25\$; Rogério Emilio Teixeira Barroca, 100\$; Albertina Magalhães Godinho, 25\$; Eduardo Moreira, 100\$; Fernanda Irene Cardoso

Leite, 25\$; Albano de Andrade, 25\$; Maria Luísa Castro Lopes, 25\$; Adriano Luz, 50\$; Maria Alice Dias Ferreira, 25\$; José Marques Cerdeira, 50\$; Abilio Marques, 50\$; José Rosas, 50\$; Alfredo Jorge Machado, 50\$; Alfredo de Azevedo Junior, 200\$; Manuel Agostinho dos Santos, 20\$; Alcino de Faria, 20\$; Abilio de Magalhães Ribeiro, 50\$; Fernando Carneiro da Silva, 50\$; Joaquim da Mota Cardoso, 50\$; Leopoldo Furtado Martins, 40\$; Zeferino Pedroso de Almeida, 30\$; Perfeito Sousa Fernandes, 50\$; Amélia do Carmo Vinhas, 25\$; M. Gonçalves Silva, 25\$; Adolfo Alves, 25\$; Lidia Valadares Souto, 20\$; Carolina de Almeida, 25\$; Maria Adelaide Aleixo, 20\$; Eng. Nicolau de Carvalho, 40\$; Otilia Soares, 50\$; Dr. Manuel Pinto, 50\$; Dr. Armando Laroza Rocha, 50\$; Alvaro Gonçalves, 50\$; António Antunes de Almeida, 50\$; Maria de Lourdes Mingot, 100\$; Arnaldo Carneiro, 100\$; Abilio de Sousa, 250\$; Maria da Conceição Moreira, 100\$; João Manuel de Sousa Oliveira, 25\$; David Lopes Martins, 60\$; Eng. Gustavo d'Avila Perez, 100\$; Fernanda Goucha, 50\$; Dr. Guilherme de Carvalho, 30\$; Liga de Profilaxia Social, 20\$; António Ferreira de Sousa, 50\$; Artur Augusto Vasconcelos Mota Freitas, 50\$; Maria Albergaria, 50\$; Mercedes Saavedra, 100\$; José Pinto da Silva Lello, 100\$; João José Duque Junior, 20\$. Todos do Porto.

Albina Laura Gaspar, Paços de Brandão, 30\$; José Pinheiro de Sousa, Franzilhal, 50\$; Maria da Glória Soares Lima,

Carraceda de Anciães, 20\$; Dr. Mario Grave, Castelo Branco, 100\$; Maria Sofia Amorim Pereira dos Santos, 50\$; Maria Margarida Esteves dos Santos, 25\$00; Joaquina Vasconcelos Sousa Machado, 20\$; Capitão Mario Cunha, 25\$; Cónego Domingos Borlido, 25\$; Padre Daniel Machado, 25\$. Todos de Viana do Castelo.

Beatriz Mendonça, 50\$, Empregados da Secção de Registos, 30\$; Margarida Pereira Eliseu, 20\$; Fernando Pessoa Barreiros Cardoso, 75\$; M. Arouca, 20\$; Maria Teresa de Avilez, 100\$; António Pereira Lopes, 15\$; Maria Helena Abreu Marques da Fonseca, 25\$; David Nunes, 50\$; Júlia Paramos Montês, 30\$; Menina Maria de Lourdes Godinho, 50\$; António Casal Ribeiro de Carvalho, 50\$; Dr. Querobino Martins, 100\$; Joaquim Gomes Porto, 100\$; Idalina Alves Dias, 50\$; Prof. Leão de Carvalho 20\$; C. Teixeira Gomes, 100\$; Maria Capitulina Mendes Oliva Nunes, 20\$; Adelaide Laforte, 50\$. Todos de Lisboa.

Rui Marcelino, Baltar, 50\$; Albertina Antunes dos Santos, Belas, 10\$; Alexandre Bastos (para reforço), 20\$; Maria Eulália Pereira Barbosa, 50\$; Alda Peixoto de Almeida, 20\$; Emilia Santos da Cunha, 20\$; Jacques Nunes, 20\$; Susana Lagarifa, 20\$; Maria da Graça Araújo, 20\$; António Alves de Barros, 20\$. Todos de Braga.

Amélio Fernandes Machado, Castelo de Paiva, 24\$; Palmira Rocha, Povoá de Lanhoso, 20\$; Eufrásia Mexia da Costa Praça, Montemor-o-Novo, 100\$; Maria José Seara Barros, Montemor-o-Novo, 25\$; Sílvia Maria Jácome, Macieira de Sarnes, 20\$;

Maria Angelina Ferreira dos Santos, Vila da Feira, 20\$; Padre Antero Gomes, O. P., Aldeia Nova, 25\$; Octávio Gomes, Sangalhos, 25\$; António Gomes de Almeida, Sangalhos, 25\$; Miguel Rodrigues de Oliveira, Sangalhos, 50\$; Amélia Rodrigues Marques, 30\$; Dr. Augusto Vaz Serra, 100\$; Dr. Gustavo Neto de Miranda, 50\$; Maria do Céu Nunes Granada, 50\$; Alcina Teles, 20\$; Artur Rodrigues, 20\$; Joaquim Corregedor Abrião, 20\$; Tenente José Rodrigues Mano, 20\$; Professor A. Saraiva de Carvalho, 20\$; Fernanda da Silva Abreu, 25\$; Maria do Céu Ferreira Valente, 30\$; Padre Eugénio Martins, 50\$; Cecília Saraiva, 50\$; Eugénio Antunes Ramos, 30\$; Maria Amélia Soares Albergaria Nunes da Ponte, 50\$. Todos de Coimbra.

Maria Augusta Vieira Barcelos, 50\$; Manuel Augusto Vieira, Barcelos, 50\$; Oscar Alcada, Barcelos, 70\$; Dr. Azemiro Dias de Carvalho, Paço de Sousa, 40\$; Coronel Alfredo Ferreira Esteves (por mudar endereço), Lagos, 20\$; Maria Luísa Pimentel, Trancoso, 25\$; Maria Gabriela Ferreira, Obidos, 20\$; Cristina Brochado Nobre, Cinfaes, 50\$; Emilia Noronha Botelho, Cinfaes, 40\$; Maria Emilia Resende, Cinfaes, 40\$; Rodrigo Ferreira, Oliveira do Bairro, 20\$; Dr. Marques dos Santos, Rio Tinto, 50\$; Dr. António Vieira Marques, Rio Tinto, 50\$; Padre Alexandre Milheiro, Lousada, 25\$; Maria Peixoto Vilas-Boas (2 anos), Lixa, 40\$; João Armando de Figueiredo, Carraceda de Anciães, 50\$.

Continua.